

# Um campo em disputa: Comunistas e Trotskistas na reconfiguração das esquerdas argentinas (1943-1960)

*Jeú Daitch de Castilho*

Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus, Sesc São José  
Curitiba - Paraná - Brasil  
jeudaitch@hotmail.com

---

**Resumo:** o campo das esquerdas na Argentina das décadas de 1940 e 1950 sofreu importantes transformações. Comunistas, nacionalistas, trotskistas, revolucionários heterodoxos e demais representantes da esquerda argentina viram-se obrigados a reverem suas posições diante de novíssimos processos históricos e políticos que colocavam em xeque antigos conceitos e leituras de conjuntura. O peronismo a nível nacional e o populismo a nível continental, bem como o novo contexto do capitalismo obrigaram intelectuais de variados campos políticos a repensarem seu projeto de nação bem como sua própria identidade política. Por isso, o presente texto procura contextualizar as disputas teóricas entre variados partidos que se proclamavam de esquerda apontando releituras realizadas diante dos novos processos históricos em gestação.

**Palavras-chave:** Argentina. Peronismo. Esquerdas.

---

## Introdução

As transformações ocorridas na sociedade argentina durante os anos do governo Perón e o surgimento do populismo na América Latina influenciaram a configuração das esquerdas, dando a elas uma nova face. Os anos de 1930, marcados pela crise e transfiguração social, foram suplantados pelo novo perfil social que emergia na década de 1940 e transpassaria até mesmo a década de 1950. Essas transformações, levadas a cabo pela irrupção do processo de substituição de importações; pelo intervencionismo estatal na economia bem como pela politização da classe trabalhadora no cenário político afetariam as relações estabelecidas entre o Estado e a sociedade. Um novo processo de acumulação capitalista estava em gestação, implantado nos países latino-americanos por governos que, inspirados no keynesianismo, tratavam de manter o *status quo* dominante: a continuidade da exploração externa e a concentração de riqueza.

Dessa forma, os eventos de 1943-1946, na Argentina, mais especificamente o golpe civil-militar que estabeleceu uma forma então pensada e considerada novíssima e específica de governo, assim como todo o primeiro ciclo peronista, aparecem aos olhos da maioria dos

atores políticos da época, como bem apontou o historiador Horácio Tarcus (1996, p. 72), “[...] como una irrupción súbita, como un corte apocalíptico” que redimensionava o aspecto social argentino apresentando um “antes” e um “depois”. Os envolvidos com o novo projeto, em especial a burguesia industrial, apreciavam a figura providencial de Juan Domingo Perón, enquanto a oposição oligárquica assistia o que considerava ser o prevaecimento da barbárie das “massas pobres” sobre a civilização. As esquerdas tentaram apresentar panoramas políticos desse novo momento, ao mesmo tempo em que atuavam nas ruas. O que nos interessa aqui são essas leituras, inseridas numa teia complexa de relações intelectuais.

É importante considerar, a priori, quando se discute o pensamento das esquerdas, o que Eric Hobsbawm (2011) propõe em seu livro *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo*. A gama de reflexões e doutrinas (aceitas muitas vezes como verdades inquestionáveis e como regra de fé de muitos partidos) que surgiram em nome de Marx não reflete *per si* o marxismo. Elas contribuíram, por mais distantes que estejam das ideias do pensador alemão, na medida em que se inserem na história do marxismo. Por mais que muitas “doutrinas” derivassem exatamente das ideias de Marx, abundantes perspectivas encontravam-se dissonantes em relação ao fiel sentido e ao teor de seus textos. Assim, Hobsbawm (2011, p. 313) orienta que:

O que se pode dizer, entretanto, é que qualquer conjunto de ideias, inclusive as de Marx, transforma-se necessariamente ao se tornar uma importante força política que mobilize massas, seja isso feito por meio de partidos e movimentos, de governos ou de outra forma (HOBSBAWM, 2011, p. 313).

Dessa forma, ao estudar os impactos e as transmutações do pensamento marxiano na América Latina e na Argentina é significativo pensar que os intelectuais, partidos e grupos que se denominavam marxistas, contribuíram para a formação de tradições dentro do próprio marxismo. É sob essa ótica que propomos problematizar as inúmeras correntes do pensamento, que sob a égide de Marx se constituíram na Argentina no contexto do peronismo.

### **O peronismo na ótica comunista**

O efeito da nova face social que configurava os quadros políticos nacionais refletia-se na trajetória dos partidos de esquerda. Novas discussões e o posicionamento desses partidos terminariam por selar seus destinos por um bom período de tempo, como foi o caso

do Partido Comunista Argentino (PCA) e do Partido Socialista (PS). O período revolucionário dos anos de 1920, cuja expressão teórica máxima talvez seja a produção de José Carlos Mariátegui (1894-1930) acompanhado no campo prático pela insurreição salvadorenha de 1932 foi substituído já desde os anos 1930 pela versão soviética do marxismo. A hegemonia das propostas stalinistas, em especial a da revolução por etapas, se afirmou no seio das associações de esquerda, como o PCA, que passou a definir a etapa nacional-democrática como prioritária para a América Latina<sup>1</sup>.

No final da década de 1920 surgiu um novo tipo de líder entre as fileiras marxistas, ligado principalmente ao comunismo. Tais dirigentes estavam conjugados ao ponto de vista político divulgado pelo Comitern de Stálin. Um dos primeiros foi o italiano Vittorio Codovilla<sup>2</sup> (1894-1970), fundador do Partido Socialista Internacional (1918) que logo se transformou em Partido Comunista Argentino, seção da IIIª Internacional, sendo por muitos anos secretário geral do PCA.

Em 1924, sua influência na organização levou-o a participar da reunião do Comitê Executivo Ampliado da Internacional Comunista (IC), como representante do partido. Integrado ao aparelho do Comitern, associou-se em 1926 no movimento pela criação de uma resolução por parte do Comitê Central do PCA que considerava o trotskismo um perigo e que ao mesmo tempo solidarizava-se com a liderança do Partido Comunista Russo. Entendia ser a revolução por etapas o fundamento inabalável da estratégia comunista para a América Latina, independente das variações táticas para a direita ou esquerda. Com o crescimento constante da burocratização durante os anos de Stálin, o comunismo argentino se rendeu cada vez mais ao inevitável: subordinação completa as ordens vindas do Kremlin:

Em 1936, o processo de stalinização dos partidos comunistas, que se desenvolvera de maneira desigual e contraditória desde o final da década de 1920, estava cristalizado e completo. Com o stalinismo queremos designar a criação, em cada partido, de um aparelho dirigente - hierárquico, burocrático e autoritário - intimamente ligado, do ponto de vista orgânico, político e ideológico, à liderança soviética e que seguia fielmente todas as mudanças de sua orientação internacional. O resultado desse processo foi a adoção da doutrina da revolução por etapas e do bloco de quatro classes (o proletariado, o campesinato, a pequena burguesia e a burguesia nacional) como fundamento da sua prática política, cujo objetivo era a concretização da etapa nacional-democrática (ou anti-imperialista ou antifeudal). Essa foi uma doutrina elaborada por Stálin e aplicada na China, e, mais tarde, generalizada para todos os países coloniais ou semicoloniais (inclusive, é claro, a América Latina). Seu ponto de partida metodológico é uma interpretação economicista do marxismo, já encontrada em Plekhanov e nos

---

<sup>1</sup> Esse segundo momento da história do marxismo latino-americano perdeu pelo menos até o ano de 1959. A Revolução Cubana trouxe à tona um novo momento revolucionário que recuperou o pensamento de muitos intelectuais das décadas de 1920 e 1930. Ernesto Che Guevara tornou-se símbolo de um novo tipo de marxismo, caracterizado principalmente pela natureza socialista da revolução e a implantação da luta armada, tanto no campo como na cidade.

<sup>2</sup> Vittorio Codovilla nasceu na Itália em 1894. Ao conhecer o dirigente socialista Egisto Cagnoni ingressou na juventude socialista italiana. Juntamente com Jose Penelón fundou o PSI, logo transformado em PCA, seção da III Internacional. A partir daí exerceu firme militância até sua morte, em 1970 (TARCUS, 2007).

mencheviques: em um país semifeudal e economicamente atrasado, as condições não estão “amadurecidas” para uma revolução socialista (LÖWY, 2006, p. 18).

O partido de Codovilla e Rodolfo Ghioldi<sup>3</sup> durante o chamado “terceiro período da IC”, entre os anos 1928 e 1935, viveu de ataques centrados ao PS e a União Cívica Radical (UCR). Sob a consigna de “luta de classe contra classe” a aproximação do grupo político das classes trabalhadoras se fez mais visível e segundo Tarcus (1996) contribuiu para o rompimento dos quadros pequeno-burgueses que compunham a organização desde suas origens. Nesse mesmo contexto o partido passou a gozar de prestígio entre os sindicatos. O investimento em instituições culturais, como o *Colégio Libre de Estudios Superiores* e organizações de solidariedade internacional (*Comité Antifascista Argentino, Mujeres contra la Guerra*) levaram o partido a obter uma “[...] presença social que no condecia con su real dimensión partidaria” (TARCUS, 1996, p. 75).

Para entender a sujeição da maioria dos líderes comunistas latino-americanos ao stalinismo é importante pensar que tais organizações tinham uma sincera convicção de ser a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) a pátria do socialismo. A defesa aos ideais da pátria era função primordial. Além disso, consideravam a revolução nacional-democrática como a única porta para a construção do socialismo. As Frentes Populares<sup>4</sup> que surgiram na maioria dos países latino-americanos em meados do século XX foram idealizadas no VIIº Congresso do Comitern em 1935. Tal aliança representava a junção de partidos comunistas, socialistas e democrático-burgueses que, sob ordens stalinistas, deveria combater o fascismo *criollo*.

Semelhante reorientação teórica emitida pela Internacional Comunista (IC) possibilitou ao PCA ampliar suas alianças e expandir seu trabalho sobre as classes populares, bem como a outros setores sociais e revalorizar, ao mesmo tempo a “questão nacional”, o passado argentino. A ideia da formação de tais Frentes na Argentina da década de 1950 surgiu quando da fragmentação da Confederação Geral do Trabalho (CGT). A CGT de nº 2 composta por quadros socialistas e comunistas tentou de todas as formas viáveis seguir o exemplo francês e também o chileno, países onde tais organizações foram bem-sucedidas.

---

<sup>3</sup> Rodolfo Ghioldi (1897-1985): professor e jornalista foi um dos mais conhecidos dirigentes do comunismo argentino. Com dezoito anos se filiou ao PS e participou, junto com Codovilla do processo de ruptura e formação do PCA. Foi eleito secretário do partido e o primeiro delegado argentino a viajar para Moscou para assistir a um congresso da Internacional Comunista. Conheceu nesse ínterim Lênin e Trotsky o que acabou lhe dando prestígio para exercer liderança hegemônica no partido (TARCUS, 2007).

<sup>4</sup> Com a ausência de partidos socialdemocratas na América Latina, as alianças para a formação de Frentes Populares foram feitas diretamente com as forças burguesas, nitidamente liberais e nacionalistas. Qualquer órgão ou classe contrária ao fascismo poderia ter livre entrada no movimento (LÖWY, 2006).

A isso acrescentamos a questão que, segundo Eric Hobsbawm (2011), dividiu a esquerda na América Latina: a natureza do principal inimigo interno para os revolucionários. Num contexto onde a maioria dos partidos identificava o inimigo internacional como o “imperialismo”, representado em uníssono pelos Estados Unidos – salvo raras exceções como a do PC argentino –, a dúvida girava em torno dos caminhos empregados para se chegar a Revolução Socialista: contra quais classes e frações de classes deveriam partir os ataques? Contra a burguesia nacional em desenvolvimento ou contra os proprietários de vastas extensões de terras?

O historiador inglês afirma que tanto os grupos burgueses locais, interessados na industrialização por substituição de importações, como a maioria dos partidos comunistas apoiavam a tese “[...] segundo a qual a principal tarefa dos latino-americanos era destruir os interesses agrários e o ‘latifúndio’” (HOBSBAWM, 2011, p. 321), que muitas vezes identificavam apenas como a fase feudal latino-americana. Tais debates e ideias já eram levadas em consideração por marxistas dos anos 1920 e se arrastou por boa parte do século XX.

As trajetórias de Codovilla e do PCA, nesse ambiente, sofreram drásticos impactos, assim como toda a esquerda argentina quando da ascensão do peronismo. A dificuldade em classificar e as inúmeras discussões e rupturas em torno do entendimento do novo fenômeno bem como as pressões que os comunistas recebiam forçaram a liderança do partido a combater o “fascismo peronista”. Para tanto, os representantes do partido não tardaram em aderirem a União Democrática (UD), principal opositor de Perón nas eleições de 1946, como estratégia de combate. A coalizão reuniu uma série de grupos sociais, com interesses distintos, mas unidos pelo ódio a Perón e a tudo que julgavam relacionado a ele. Como apontou Löwy (2006, p. 321), “[...] o PC argentino retificará mais tarde sua análise do peronismo, mas o ‘erro’ de 1945-1946 será de grande gravidade para o futuro do partido”.

O populismo peronista, na verdade, foi alvo de uma gama de interpretações e no campo de batalha ideológica pela construção e estabelecimento de um “dogma” a respeito do movimento, o “partido hegemônico” do país estava incapacitado. Distante de suas origens – desenvolvimento real de políticas socialistas voltadas para o proletariado – e extremamente burocratizado, o PCA simplificou o processo de crises e transformações que apontavam um novo tempo nos aspectos políticos, sociais e econômicos argentino. Apesar disso, Codovilla (1946, p. 18) num texto de 1946 reconhecia as fraquezas da União Democrática:

Cuales son las debilidades esenciales de la Unión Democrática? La primera consiste en que se trata de una unidad INCOMPLETA, por cuanto no participan

todavía en ella los sectores PROGRESISTAS del conservadorismo y algunos partidos provinciales, dispuestos a luchar en comun por los mismos objetivos. Estas lagunas en el frente de la unidad democrática dejan un margen libre para las maniobras de los elementos más reaccionários de la oligarquía y del nazi-peronismo interesados en impedir que el grueso del caudal electoral del conservadorismo se sume a la Unión Democrática, para asegurar el triunfo de la fórmula radical (grifos do autor).

Interessado unicamente em combater o coronel Perón, Codovilla acusou de “traição a democracia” qualquer voto não credenciado a UD. Isso significava, no momento, que não bastava apenas não votar em Perón, como apregoaram muitos organismos de esquerda. O voto deveria ser dado a UD, organização “defensora da democracia”. Qualquer que votasse em branco estaria atraído a democracia. A tática da IIIª Internacional Comunista de combater o fascismo por meio de uma Frente Antifascista e ao mesmo tempo defender os valores democráticos foi adaptada à Argentina por meio da Frente Antifascista Argentina, da qual o PCA reconhecia-se como principal representante, por intermédio de sua participação na UD.

No plano das atuações políticas, a maioria dos comunistas latino-americanos se deslizaram de uma tática mais centrada no operariado, da Frente Operária à Frente Anti-imperialista que ainda mantinha um caráter de combatividade e agrupava fortes contingentes de trabalhadores. A formação da Frente Antifascista que se erigiu por boa parte dos países do Sul orgulhava-se de combater o fascismo *criollo*. Tratava-se de prioridades e demandas, e no momento o conflito ao nazi-peronismo estava em primeiro lugar na lista de deveres dos comunistas argentinos. A nova tática mundial consistia numa aliança com os Estados Unidos e “potências democráticas” no combate ao modelo de governo alemão. A URSS emitiu ordens para que os partidos de todo mundo realizassem tais coalizões em nome dos direitos democráticos, do progresso e da paz.

É importante destacar que o folheto de 1946 expressava a opinião da liderança do partido, mas não representava todos os comunistas. Existiam frações políticas dentro do comunismo que tentavam impor-se contra a ditadura da liderança, mas eram abafadas. Prova disso é o caso de um importante militante, o intelectual Rodolfo Puiggrós que rompeu com o comunismo para fundar um movimento de aliança com o peronismo. Dessa forma, entender a evolução da esquerda argentina implica, sem sombra de dúvidas, repassar cuidadosamente a posição adotada por diferentes setores e partidos frente ao fenômeno político nacional que foi o eixo de mudanças sociais e econômicas e que representou novas configurações e novos arranjos em todas as classes políticas que disputavam o poder.

Com o lema “[...] ningún mandato para los peronistas” (CODOVILLA, 1946, p. 15) a liderança comunista argentina reconhecia, ao mesmo tempo, que as inúmeras resistências

na formação de chapas comuns nas eleições para governador, senador e deputado dentro do bloco da oposição e a heterogeneidade de forças políticas que a compunham apontavam para as fragilidades e ineficiências que um futuro governo com a fórmula “democrática” enfrentaria. O discurso comunista que se construía considerava o peronismo um presente de grego. Com *nenhum mandato aos peronistas* a nação argentina iria evitar a “[...] introducción de un caballo de Tróia fascista en el Parlamento” (CODOVILLA, 1946, p. 15). E insistia, conclamando todos os grupos e membros comunistas do país a marcharem unidos não somente nas eleições presidenciais, mas também nas eleições para senadores, governadores e deputados.

Na leitura que faziam acerca das mudanças cataclísmicas que atingiam o país, acusavam as ligações entre o peronismo e o imperialismo inglês. As críticas de Perón ao imperialismo dos Estados Unidos não passavam de pura demagogia: uma chantagem para melhor vender a oferta, na medida em que estava entrelaçado e envolvido a fundo com o capital inglês que, na época, segundo os comunistas, era representado na Argentina por uma elite que dominava e monopolizava o poder por meio de trustes e poderosos investimentos na economia. Assim:

Cada vez que se plantea, o se ha planteado, la necesidad de medidas o sanciones económicas internacionales para obligar a la dictadura militar-fascista a abandonar el poder y a permitir que el pueblo argentino pueda expresar libremente su voluntad através de las urnas y darse el gobierno que quiere, surgen en seguida los sectores reaccionarios de la política inglesa alegando que no pueden apoyar tales medidas o sanciones porque eso perjudicaría los intereses de Gran Bretaña y de su comercio importador y exportador con la Argentina. Por otra parte, cada vez que los sectores democráticos de los Estados Unidos manifiestan su repudio a la dictadura nazi-peronista, posición que se refleja a través de los discursos de algunos diplomáticos norteamericanos, surgen inmediatamente las voces de “sosegate” de los círculos de la gran industria y de las finanzas americanas, que temen que una actitud energética de parte de los Estados Unidos pueda favorecer a los grandes trusts y monopolios ingleses que operan en nuestro país (CODOVILLA, 1946, p. 14).

Essa situação política de duelos entre os grandes interesses de potências mundiais deixaram o peronismo no meio do fogo cruzado e sem nenhuma proposta que beneficiasse verdadeiramente o trabalhador argentino. Dentro do contexto das esquerdas, o PCA aprofunda sua crítica ao mesmo tempo em que sela aliança com os “setores democráticos” estadunidenses. Tal interpretação custaria caro demais às fileiras comunistas ao longo prazo. Os trotskistas, por exemplo, como veremos adiante, não tardaram em emitir notas apontando o caráter retrógrado e perigoso do partido considerado de esquerda mais numeroso do país.

Símbolo máximo do peronismo, o 17 de outubro significou muito para a população argentina, já que a composição dos grupos que estiveram presentes na Praça de Maio era

na sua maioria de trabalhadores. O apoio que tais trabalhadores davam ao coronel indicava a intensa industrialização que atingia o país, bem como uma maior politização levada a cabo pelos sindicatos. Para os comunistas, no entanto, as greves de outubro foram realizadas pela demagogia social e impostas pela violência. Na leitura de Codovilla (1946, p. 20):

Todo eso – la DEMAGOGIA SOCIAL tanto como la VIOLENCIA – son partes de su plan tendiente al objetivo central de adueñarse COMPLETAMENTE del poder POR LOS MEDIOS QUE SEAN PRECISOS. Los nazi-peronistas tienen un PLAN DE ACCIÓN y una DIRECCIÓN UNICA encargada de acerlo cumplir. Lo aplican ESCALONADAMENTE, pero con una audacia sin límites, bajo el amparo de la Policía. La huelga del 18 de octubre, lograda, en parte, por tal demagogia social e impuesta por la violencia, así lo demuestra. Es un hecho que esa huelga fué ejecutada de acuerdo a un plan preestablecido, y dirigida por un mando unico, con el apoyo de la Policía. Así es como los peronistas pudieron cortar la energía eléctrica, levantar vías de ferrocarriles, paralizar los transportes, impidiendo la concurrencia al trabajo. No hay que llamarse a engaño: el nazi-peronismo sabe accionar AUDAZ Y ENERGICAMENTE. Esa “huelga” y los desmanes perpetrados con ese motivo por las bandas armadas peronistas deben ser consideradas como el PRIMER ENSAYO serio de los Naziperonistas para desencadenar la GUERRA CIVIL (grifos do autor).

O folheto escrito por Codovilla no calor das eleições de 1945-1946 simplificava em extremos as mudanças que ocorriam no país e as características do novo governo. A confusão entre o populismo nacionalista de uma nação dependente e o fascismo de uma metrópole imperialista foi de extrema gravidade para o partido, que mais tarde retificou sua análise do peronismo.

A burocratização dessa vertente da esquerda argentina, classificada por alguns historiadores como “esquerda tradicional”, ou “esquerda conservadora” teve como consequência um maior controle do partido pela liderança. Assim, os dirigentes do PC argentino, na década de 1950, Codovilla e Ghioldi, se identificavam como aqueles que “viajam a Moscú” (TARCUS, 1996, p. 76), ou seja, que mantêm uma política mais próxima com as decisões e a própria IC, que na época constituía-se a principal usina de poder.

Os demais membros do partido “[...] servian como ‘chivos expiatorios’ al regreso de los ‘viajeros’ que, munidos de la línea ‘correcta’, necesitaban buscar los culpables a las desviaciones” (TARCUS, 1996, p. 76). Rodolfo Puiggrós (*apud* TARCUS, 1996, p. 78), militante do comunismo argentino até 1946 afirmou no livro *Las izquierdas y el problema nacional*, de 1957 que “[...] dirigian el partido los hombres que viajaban a Moscú, que asistían a los congresos de la Internacional Comunista, que transmitian sus informes”.

A leitura que o outro líder comunista, Rodolfo Ghioldi (1997), fez acerca do peronismo em 1959, assemelha-se muito com a de Codovilla. Numa entrevista concedida a



Carlos Stresser<sup>5</sup>, em 1959, o líder comunista corroborou as ideias que juntamente com Codovilla defendeu anos antes. Inserido no intenso debate que se arrastava por toda a década de 1950 e iria acompanhar os partidos e movimentos de esquerda por longos anos o dirigente político tratou de desmistificar as correntes populistas que viam no 4 de junho, no 17 de outubro e em outras datas, eventos chaves e característicos de uma revolução social. Para o militante: “[...] sin desplazamiento de clases en el poder y sin substitución de un sistema social por otro más avanzado, no hay revolución” (GHIOLDI, 1997, p. 01). Rearranjos políticos entre os grupos dominantes, para Ghioldi (1997, p. 02), nada tinham de revolucionário. Ao explicar o que entendia por “desplazamiento de classes”, ele indica:

Entendiéndose por desplazamiento de clases no el simple hecho de que los elementos de una combinación dada - por ejemplo, burgueses y latifundistas - entren en proporciones diferentes en una nueva combinación; ello será políticamente importante, exigirá nuevas determinaciones tácticas, provocará nuevas soluciones posibles, pero no es revolución.

O governo peronista, segundo ele, confirmou o antigo sistema social: fundado na grande propriedade latifundiária e na estreita relação com o imperialismo inglês.

Así, puede llegar al poder una nueva conglomeración social que deja intacta la vieja estructura, o puede proponerse el restablecimiento de una forma social antes desalojada: no habrá revolución, y en la última hipótesis, será sencillamente contrarrevolución, aún cuando este grupo de fuerzas contara con vastísimo apoyo popular. Por lo tanto, cuando se afirma que porque un paro de 1945 produjo un silencio general hubo una revolución, se incurre en error evidente: aún con el silencio de ese día prosiguió, entonces y después, y hasta ahora, el sistema social fundado en la gran propiedad latifundista, que el señor Perón no quiso tocar, y continuó el señorío de los monopolios imperialistas. Está claro que no puede hablarse de revolución si la oligarquía conserva la totalidad de sus privilegios. Comprendo que puede quererse exaltar una nueva actitud de las masas populares, y el hecho es importante, pero ello no es por sí una revolución. Manejando licencias de este orden otras personas, desde un polo diferente, hablarán de la "revolución libertadora"; cualquiera sea el juicio que el hecho provoque, es innegable que el mismo no fue revolución ni mucho menos (GHIOLDI, 1997, p. 02).

Se o peronismo não possuía nada de revolucionário tinha então caráter conservador e fascista. Ao ser questionado sobre o processo de industrialização que esteve na pauta do projeto peronista e possibilitou o aquecimento do mercado interno, Ghioldi (1997, p. 03) tratou logo de esclarecer o oportunismo de Perón frente aos acontecimentos que no cenário mundial deixavam a Argentina numa condição favorável:

Otros arguirán que el poder de Perón implicó una revolución por su coincidencia con la industrialización; pero ocurre, por un lado, que la simple aspiración a la industrialización no es todavía la revolución y por el otro, que esa aspiración y su verificación efectiva, dentro de ciertos límites, se ha producido en numerosos países de Asia, Africa y América, sin que nadie dijera, por ejemplo, que los

<sup>5</sup> Carlos Stresser trabalhava na formação do livro *Las izquierdas en el proceso político argentino*, um dos mais interessantes quadros sobre a situação da esquerda em um momento chave da história do país.

colombianos hicieron una revolución más cuantiosa que la argentina simplemente porque ellos registraron un ritmo de desarrollo industrial más vigoroso. Que en las condiciones de la Segunda Guerra Mundial hubo desenvolvimiento industrial en todos los países subdesarrollados es un hecho fuera de discusión, y que al amparo de ello se creó la posibilidad de pasar a etapas más elevadas, es igualmente cierto, pero para hacer esa posibilidad una realidad era indispensable crear un estado óptimo del mercado interior (o sea, reforma agrária profunda), y eliminar a los monopolios imperialistas, cosas ambas que negó aquel régimen.

A irrupção dos trabalhadores durante meados da década de 1940 e 1950, processo que desorientou uma esquerda que dificilmente se identificava com tais atores sociais, foi duramente criticada por Ghioldi (1997). Segundo ele, as “massas” não perceberam o perigo do peronismo e sofreram diretamente os impactos da demagogia de Perón. Transferindo a culpa diretamente aos trabalhadores, o líder comunista argentino afirmou que faltou independência política e ideológica ao operariado argentino. Evocando o papel de um partido que se encontrava burocratizado e politicamente comprometido com forças que não se identificavam com as classes trabalhadoras, Ghioldi (1997, p. 04) terminou por desmerecer o papel das “massas” destacando que elas continuavam sendo o “[...] eslabón básico de la vida nacional: el problema consiste en desprenderlas de tutelajes ajenos a la clase obrera”.

Essa perspectiva adotada pelos principais representantes do partido em 1945, manteve-se durante pelo menos dez anos. Durante o IVº Congresso do Partido Comunista Brasileiro (PCB), em 1954, o partido vizinho enviou uma carta aos “camaradas do presidium”<sup>6</sup>. O início da carta apresentava o então líder Codovilla:

Permiti-me transmitir uma fervorosa saudação de combate do Comitê Central do Partido Comunista da Argentina, que interpreta o sentimento de todo o Partido, da classe operária e do povo de meu país. E permiti-me, camaradas, que transmita uma fervorosa saudação e um forte abraço do camarada Vitorio Codovilla ao grande dirigente comunista do Brasil, companheiro Luiz Carlos Prestes, líder da classe operária e do povo brasileiro (CULTURA POLÍTICA, 1954-55, s/p.).

Deixando de lado as considerações entre lideranças, o documento enviado continha logo em seguida uma breve contextualização do cenário mundial. Em tal conjuntura, o PCA entendia que o imperialismo americano, dia após dia perdia espaço nos continentes europeu e asiático. A consequência dessa perda de “espaço ianque” nos dois continentes levava o imperialismo a concentrar seus ataques aos povos latino-americanos, com o objetivo de “[...] assegurar, em sua retaguarda, bases militares, matérias-primas e carne de canhão grátis para sua política de agressão e de guerra” (CULTURA POLÍTICA, 1954-55, s/p.). Nesse contexto, a situação dos partidos comunistas em todo o continente encontrava-se

<sup>6</sup> “Presidium”: nome dado à presidência do Conselho Supremo dos Sovietes.

ameaçada, em especial na Argentina, cuja situação estava, na ótica dos líderes, por demais difícil e complicada. E o culpado disso era Perón:

Perón valeu-se de uma demagogia obreirista, anti-imperialista e antioligárquica. Uma conjuntura econômica favorável lhe permitiu fazer algumas concessões às massas e ganhar a maioria da classe operária. Os operários viam Perón como sua verdadeira salvação e chegaram até ao fanatismo por Evita e Perón. Nesta situação nos coube atuar. Somente com um trabalho tenaz e paciente era possível fazermos-nos escutar pelas massas. O Partido dizia que não havia florescimento, que se não se resolvessem os problemas de fundo o país marcharia para uma crise catastrófica. O Partido dizia que Perón não era um governo de justiça social, mas de demagogia social; que não se deviam ter ilusões no governo, mas confiança nas próprias forças das massas. O Partido dizia que o governo de Perón não era um governo operário, mas um governo que serve aos interesses da oligarquia e do imperialismo; que o governo de Perón marchava para estabelecer um governo corporativo-fascista (CULTURA POLÍTICA, 1954-55, s/p.).

Na carta enviada e reproduzida pela Revista Mensal de Cultura Política, o Partido declarava que somente através de um longo trabalho de esclarecimento político e ideológico pôde o Partido trabalhar e ganhar forças. Essa força estaria presente nas importantes greves organizadas. Entre tais greves, estão citadas: a dos gráficos, dos ferroviários e dos marítimos que foram lideradas na sua maioria pelos membros da CGT nº2, na sua maioria filiados ao PCA e PS.

### **Leituras trotskistas do peronismo**

Em paralelo ao desenvolvimento do PCA, o movimento trotskista argentino desabrochou no cenário das esquerdas a partir da década de 1930. Apesar de contar inicialmente com poucos e minguados grupos, os militantes esforçaram-se sobremaneira em organizar meios de difusão para as variadas produções e elaborações teóricas. A maioria dos membros dos grupos trotskistas eram ex-militantes do PCA e PS, descontentes com o rumo que tais partidos vinham tomando sob os auspícios da IIIª Internacional Comunista e influenciados pelo prestígio de Trotsky e de suas ideias. Num contexto de “stalinização” constante do Estado Soviético e dos partidos a ele ligado, ser trotskista incorria em riscos sérios, principalmente pelas inúmeras calúnias e perseguições levadas a cabo pela ditadura de Stálin aos “inimigos da revolução”.

Nesse cenário conturbado pequenos núcleos trotskistas começaram a surgir, ligados a lideranças como a de Héctor Raurich (1903-1963), inspirador teórico dessa geração (TARCUS, 1996). O advogado argentino dedicou-se ao estudo de obras filosóficas, entre elas Karl Marx. Ainda jovem participou de diversas mobilizações de reforma universitária.

Junto com demais companheiros organizou um movimento conhecido como *Grupo Insurrexit* que ao entrar no PCA em 1923 criticou toda a estrutura da organização<sup>7</sup>.

A maioria dos líderes trotskistas do período participaram desses movimentos de reforma universitária e a partir daí começaram a desenvolver uma militância ligada aos partidos considerados como “soberanos” da esquerda argentina. Três anos mais tarde foram expulsos do partido e fundaram o PCO, Partido Comunista Obrero. Raurich contou com a contribuição de Antonio Gallo (1913-?). A viagem que realizaram à Espanha resultou na criação de vínculos com a Esquerda Comunista Espanhola de cunho trotskista. Ao voltarem ao país fundaram um dos primeiros grupos trotskistas locais: a ICA (Izquierda Comunista Argentina), logo depois convertida em LOS (Liga Obrera Socialista). A partir dessas organizações passam a publicar inúmeros folhetos que abordaram a realidade argentina.

A revista *Actualidad* que circulou entre os anos de 1932 e 1935 foi uma tentativa frustrada de apresentar um debate em torno do trotskismo e da realidade do país, mas, devido as pressões que o PCA exercia sobre a liderança do movimento acabou sendo extinta. A partir daí Raurich se tornou um dos principais animadores da esquerda trotskista que se gestava na capital Buenos Aires, influenciando inclusive uma das vozes mais ativas do movimento nas décadas de 1950-1970, Nahuel Moreno.

Ligado a círculos externos aos da classe trabalhadora, o trotskismo das primeiras décadas recebeu a contribuição de Libório Justo (1902-2003), filho do presidente Augustin Justo. Estudante de medicina, logo cedo o jovem apartou-se da família para estabelecer laços com movimentos de reforma universitária. Aderiu ao trotskismo no início da década de 1930 e foi inspirador do GOR (Grupo Obrero Revolucionário) que em pouco tempo passou a ser conhecido como LOR (Liga Obrera Revolucionária). Com dinheiro suficiente para abrir uma editora, investiu suas energias na publicação dos textos de Trotsky, do trotskismo internacional e textos particulares. Nesse mesmo período organizou um periódico conhecido como *La Internacional* e publicou inúmeros folhetos.

Justo travou um intenso debate com Gallo (1935) sobre as teses de Trotsky, em especial a revolução permanente<sup>8</sup>. Esse debate é de fundamental importância para termos

---

<sup>7</sup> Raurich foi um dos protagonistas da aguda luta de frações no interior do PC argentino entre, por um lado, a maioria do Comitê (Codovilla, Ghioldi e José Penelón) e do outro a ala de “esquerda” (Angélica Mendoza, Mateo Fossa, Miguel Contreras, entre outros). O VIº Congresso reunido em Buenos Aires no ano de 1924 foi conclamado para solucionar essa disputa. Em 1925, Raurich contribuiu para o grupo dos “esquerdistas”, principalmente no que se referia a questão agrária. A discussão e o informe organizado por Raurich nunca chegou ao debate, porque em maio de 1925 com a chegada da “Carta Aberta do CE da IC ao PC argentino” a expulsão de todos os líderes do grupo da “oposição” foi autorizada. O VIIº Congresso foi agitado e tumultuado e culminou na expulsão de todos os demais “esquerdistas”. Ao fundar o PCO, os “chispistas”, como ficaram conhecidos por editarem *El Chispa* apresentaram uma alternativa para os jovens intelectuais argentinos interessados numa militância que não aquela realidade engessada no PCA. Disponível em: < <http://archivos.cedinci.org/index.php/fondo-hector-raurich;jsad> >. Acesso em: 07 jun.2013.

<sup>8</sup> Inspirado no XVIII Brumário de Luis Bonaparte, Gallo escreveu *sobre o movimento de Septiembre. Ensayo de interpretación marxista*, um folheto que circulou nos meios trotskistas em 1933 e deixou o então jovem de 19 anos conhecido. Ao buscar o significado para os

uma compreensão melhor não apenas dos níveis de discussão elencados pelo movimento trotskista, mas também para problematizarmos de que forma esses dois intelectuais contribuíram para a formação de uma tradição trotskista na Argentina.

Tanto Justo quanto Gallo demonstravam pleno domínio das ideias de Trotsky, ao mesmo tempo em que seguiam de perto a transformação e o estabelecimento mais “maduro” das teorias-chaves que Trotsky elaborou, em especial a teoria do desenvolvimento desigual e combinado e da revolução permanente. Apesar de divergências, o tronco comum da discussão nos permite compreender que esses dois *olvidados* pensadores argentinos refletiram sobre seu tempo de maneira inteligente e madura.

Para Gallo (1935), a ausência de um passado feudal e a emergência do capitalismo tornava a Argentina uma especialidade no continente. O capitalismo não surgiu *desde adentro* produto de algum tipo de industrialização, mas entrou pelas portas do fundo *desde afuera*. Ao submeter o capitalismo nacional aos avanços das condições e configurações de um mercado mundial global, Gallo recuperou muitas discussões caras a Trotsky. Em linhas gerais, entendia que a Argentina era um exemplo claro de contrastes próprios de um desenvolvimento desigual e combinado: país atrasado em relação ao desenvolvimento das forças produtivas, mas ao mesmo tempo moderno, fruto da pressão do capitalismo mundial na sua forma imperialista.

Além de ser tipicamente agrária, a Argentina era um país que apresentava um crescente desenvolvimento industrial e um dinamismo urbano que corroboravam a ideia do desenvolvimento desigual. Nesse sentido a formação de uma burguesia nacional entrelaçada por laços econômicos com o capital *foráneo* e que predominava sob o Estado, contando com o apoio do Exército e de seus agentes políticos, deixava de lado qualquer opção de revolução democrática burguesa e apontava a revolução socialista como única saída transformadora no horizonte da classe trabalhadora. A luta contra o imperialismo tinha em primeiro plano um conflito contra a burguesia nacional:

Esta revolución solo puede acerla el proletariado, conquistando o neutralizando, para sus propios fines, a las clases medias urbanas y rurales, no en alianza con la burguesia, sino contra ésta. A esto es lo que los marxistas llamamos revolución socialista y a esa solución de la contradicción entre la etapa burguesa y de la revolución socialista le damos el carácter de continuidad que formulamos, más concretamente y claramente como revolución permanente, con acuerdo a la definición de Marx (GALLO, 1935, p. 50).

---

golpes de Estado mais além dos simples “feito político” tentou explicar a conjuntura numa situação estrutural. Sob essa perspectiva estudou o governo Uriburu. Além desse folheto, Gallo publicou *Adonde va la Argentina? Frente Popular o lucha por el socialismo?* (1935).

Justo, por meio do LOR, refutou as ideias de Gallo e do LOS. Sob o pseudônimo de Quebracho escreveu entre 1927 e 1941 alguns folhetos políticos<sup>9</sup> em que condenava a posição de Gallo. Apresentava a Argentina como um país semicolonial dominado pelo imperialismo inglês através da burguesia comercial e da oligarquia do gado. Tais classes são apresentadas nos seus folhetos como parasitárias, incapazes até mesmo de manter certa acumulação capitalista nacional. Justo (1957, p. 72) caracterizou essa burguesia como “antinacional” e “entreguista:

La Argentina es un país semicolonial sometido al imperialismo. Esta situación se deriva, en primer término, de su condición de país agropecuario que la coloca frente a los grandes países industriales, en una situación de dependencia análoga a que se encuentra el campo respecto a la ciudad. La Argentina ha sido, durante largos años, una especie de apéndice económico de Europa y, particularmente, de Inglaterra, que absorbe buena parte de su producción<sup>10</sup>.

O sujeito revolucionário que retiraria a Argentina dessa crescente desnacionalização e libertaria o país da ação dominante do imperialismo seria o proletariado frente ao povo argentino:

Es necesario que el pueblo argentino y, en primer término, el proletariado, comprenda en todo su significado la tremenda gravedad de la hora en que vivimos, la gigantesca importancia de los cambios bruscos y continuos que están trayendo los acontecimientos y que sólo una acción energética y decidida del proletariado al frente de los intereses de todo el país, que sólo la clase obrera através de un Frente Único Proletario, impulsado por un partido marxista revolucionario y controlando los destinos de la república, puede detener la entrada de la Argentina en la matanza y lograr *la liberación nacional a través de la expropiación sin indemnización y nacionalización de los Bancos, empresas y propiedades imperialistas y de los latifundios, del desconocimiento de la deuda externa y del monopolio del comercio exterior* (JUSTO, 1957, p. 76, *grifos do autor*)

O povo argentino tinha diante de si apenas um caminho: ou lutar pela libertação nacional ou morrer a serviço do imperialismo. A vanguarda do povo argentino seria o proletariado revolucionário, o único sujeito capaz de dar direção ao movimento revolucionário. A posição de Justo se insere num contexto de repúdio ao anti-imperialismo dos nacionalistas burgueses, como também do anti-imperialismo comunista que em todos os momentos buscou uma aliança com a burguesia nacional-liberal num combate às forças fascistas.

Ao questionar a posição de Gallo, que defendia a ideia de que a luta contra o imperialismo seria a luta contra a burguesia nacional em primeiro plano, Justo defende a classificação da Argentina como um país semicolonial. Apesar de reconhecer a burguesia

<sup>9</sup> Entre eles: *Como salir del pantano?* (1939); *Por el socialismo revolucionario y por la Cuarta Internacional* (1939); *La agonía mortal del capitalismo y las tareas de la Cuarta Internacional* (1941); *Que quiere la Cuarta Internacional* (1941).

<sup>10</sup> O texto publicado no folheto *Que quiere la Cuarta Internacional* (1941) foi reproduzido integralmente no livro *Estrategia Revolucionaria. Lucha por la unidad y por la liberación de América Latina* de 1957, p.72.

como oposta a qualquer ideário de progresso ou revolução, a luta contra o imperialismo não perpassava *incialmente* o campo burguês:

Quienes formularon esta consigna olvidaron la necesidad, establecida por Lenin, de recalcar la diferencia entre la burguesia de los países opresores y la de los países oprimidos. Este es el error *principal de nuestros compañeros; olvidar que la Argentina se cuenta entre los países semi-coloniales* y querer aplicar mecánicamente a éstos las consignas y directivas que los maestros del socialismo han dado para los países imperialistas. Es cierto que nuestra posición debe ser de lucha acerba contra la burguesia argentina porque, como dice Trotsky respecto a los países coloniales y semi-coloniales, no se debe esperar que sea más progresista o revolucionaria que la de los países imperialistas. Pero de ahí a luchar contra ella en primer término como la mejor forma de luchar contra el imperialismo, es no tener una noción definida del significado de la liberación nacional que lleva en sí un sentido esencialmente anti-imperialista (JUSTO, 1957, p. 73, *grifos do autor*).

Esse debate em torno da *liberación nacional o socialismo*, em pauta desde 1939 na Argentina trouxe consequências para o movimento trotskista no país e como apontou Tarcus (1996) “partió águas” nas fileiras do movimento. A leitura feita por Gallo (1935) da burguesia nacional e das tarefas do proletariado foram realizadas em 1930, num claro embate frente aos posicionamentos nacionalistas e dos socialistas anti-imperialistas. Justo (1957), na sua análise desconsidera essa perspectiva e pensa o trotskismo a partir da chave da “liberación nacional”, ou seja, o país não passava de uma “patria vasalla”, uma nação oprimida que ansiava por ser emancipada do imperialismo. Gallo é um pouco mais específico quando pensa a Argentina como uma semicolônia avançada, relativamente atrasada e dependente do imperialismo que ainda contava com uma burguesia nacional que desfrutava dos controles do Estado.

Para Gallo (1935), a luta contra o imperialismo seria antes de tudo a luta contra a burguesia nacional, enquanto que para Justo (1957) a luta ocorria num confronto entre nações oprimidas *versus* opressoras. Ele tinha em mente uma concepção classista e anticapitalista do imperialismo e da natureza dos regimes nacionais. O imperialismo seria, assim, um dos momentos do desenvolvimento do sistema do capital no qual a burguesia nativa tinha um papel fundamental. As ideias de Gallo se espelhavam na teoria do peruano José Carlos Mariátegui, especialmente na sua definição da burguesia e de seu papel no cenário latino-americano.

Os anos 1930 apresentaram um trotskismo, a grosso modo, preocupado com a natureza do capitalismo argentino (TARCUS, 1996) e sob a influência direta do marxista peruano Mariátegui tais intelectuais definiam a Argentina como um país de caráter predominantemente capitalista. Criticavam as interpretações que determinavam o país e também o continente com espaços marcados por laços feudais. Esse problema era chave na medida em que uma resposta poderia acarretar mudanças significativas nos rumos da

revolução que eles se dispunham a organizar. Seria democrática ou socialista? De que forma o partido poderia mediar o conflito entre classes?

Percebe-se que a mesma discussão se produzia num cenário internacional e agitou as figuras mais importantes do movimento, como é o caso de Trotsky e Lênin. Além dessas questões as polêmicas travadas com o PCA e o PS foram fatores que permitiram ao trotskismo angariar muitos membros de tais partidos. Nos anos 1940 ocorreu uma transformação no discurso e nas investigações dos trotskistas. Passou-se a dar importância aos aspectos sociais, econômicos e históricos. Isso não significa que a problemática que animou o trotskismo dos anos 1930 tenha desaparecido, afinal, a ideia de *liberación nacional o socialismo* acompanhou essas organizações por várias décadas, mas sim que se expressou por parte dos teóricos trotskistas uma preocupação maior com aspectos empíricos antes deixados de lado.

O movimento trotskista argentino acompanhou o ritmo da IV<sup>a</sup> Internacional Comunista. O surgimento desta IC está relacionado às pressões exercidas pelo grupo da Oposição, do qual Trotsky era um dos mentores. Em agosto de 1933 uma conferência reuniu três partidos socialistas revolucionários europeus e a Oposição proclamou a luta pela Quarta Internacional. A fundação desta ocorreu depois de uma série de discussões, sendo que o programa acabado da nova Internacional só foi aprovado em 1938 (COGGIOLA, 1984). Por meio do *Programa de Transição* Trotsky (2004, p. 14) fez um balanço da situação mundial e destacou:

A situação política mundial no seu conjunto caracteriza-se, antes de mais nada, pela crise histórica da direção do proletariado (...). As crises conjunturais, nas condições da crise social de todo o sistema capitalista, sobrecarregam as massas de privações e sofrimentos cada vez maiores. O crescimento do desemprego aprofunda, por sua vez, a crise financeira do Estado e mina os sistemas monetários estremecidos. Os governos, tanto democráticos quanto fascistas, vão de uma bancarrota a outra.

Se a situação mundial apresentava um proletariado desesperado, a vanguarda desse proletariado tinha uma missão a cumprir. Nessa sua fase de pensamento Trotsky (2004, p. 14) considera o papel do partido como fundamental:

Os falatórios de toda espécie, segundo os quais as condições históricas não estariam "maduras" para o socialismo, são apenas produto da ignorância ou de um engano consciente. As premissas objetivas da revolução proletária não estão somente maduras: elas começam a apodrecer (...). Tudo depende do proletariado, ou seja, antes de mais nada, de sua vanguarda revolucionária. A crise histórica da humanidade reduz-se à crise da direção revolucionária.

Nesse contexto caberia à nova IC “[...] ajudar as massas, no processo de suas lutas cotidianas a encontrar a ponte entre suas reivindicações atuais e o programa da revolução



socialista” (TROTSKY, 2004, p. 20). Tais reivindicações transitórias, questão puramente tática, acabariam conduzindo à conquista do poder pelo proletariado. Nos países que Trotsky considera “atrasados”, a luta operária resume-se na combinação entre lutas pelas tarefas como a independência nacional e da democracia burguesa em consonância com a luta contra o imperialismo. Como nos países atrasados a burguesia havia chegado tarde ao cenário histórico, tal classe seria incapaz de solucionar o verdadeiro problema da constituição da nação. Somente a ditadura do proletariado poderia dar fim ao jugo do imperialismo estrangeiro. Assim, a revolução sob a liderança do proletariado não se deteria em uma “etapa democrática”, mas atacaria em primeiro plano a propriedade privada e defenderia a construção imediata do socialismo.

A discussão sobre a maturidade ou não para a revolução, bem como o caráter e a natureza dos governos argentinos já haviam sido levantadas por muitos teóricos trotskistas, como é o caso de Libório Justo e Antonio Gallo. Nesse contexto, os principais agrupamentos políticos trotskistas surgem em meados da década de 1940. A partir daí a disputa em torno do legado de Trotsky se acirra. A direção da Quarta IC que tentou unificar as organizações debaixo do PORS<sup>11</sup> (Partido Obrero da Revolução Socialista) se viu frustrada quando tal partido rompeu em um sem número de pequenos grupos. O fator fundamental para a dissolução do PORS foi, sem dúvida, os intensos debates em torno da questão da “libertação nacional”<sup>12</sup>. O debate Justo/Gallo foi um exemplo disso. O ciclo nacionalista que a Argentina enfrentou a partir de 1943 intensificou ainda mais o debate, ao mesmo tempo em que exigiu uma resposta mais imediata para a situação.

Os militantes mais jovens que se identificavam com o programa desenvolvido por Raurich/Gallo reagruparam-se a partir de 1943 sob a liderança de Miguel Posse e fundaram a UOR (Union Obrera Revolucionaria) editando o periódico *El militante*. No outro extremo, como apontou Horácio Tarcus (1996), se organizaram os “herdeiros” de Justo que de forma quase indireta manifestaram “apoio crítico” ao peronismo. O grupo liderado por Aurelio Narvaja e Enrique Rivera editou *Frente Obrero*, periódico que circulou entre os partidos de esquerda a partir do ano de 1945. Jorge Abelardo Ramos e Niceto Andrés, na mesma perspectiva editaram a revista *Octubre* que durou apenas dois anos (1945-1947).

Outro líder do PORS, J. Posadas fundou o movimento GCI (Grupo Cuarta Internacional) editando desde 1947 o jornal *Voz Proletaria*. Acompanhando o surgimento desses grupos, em 1944 surge o GOM (Grupo Obrero Marxista), do qual Mílcides Peña

---

<sup>11</sup> Homero Cristalli (mais conhecido pelo pseudônimo de J. Posadas); Esteban Rey e Jorge Abelardo Ramos foram os dirigentes do PORS.

<sup>12</sup> O estadunidense Sherry Mangan, delegado executivo da IVª IC interveio na polêmica e se posicionou a favor dos grupos que postulavam unicamente a revolução socialista como perspectiva para os trabalhadores, o que piorou ainda mais a situação (COGGIOLA, 1984, p. 38).

fez parte durante um bom tempo de sua vida. Por meio de *Frente Proletario*, Nahuel Moreno (pseudônimo para Hugo Miguel Bressano) intentou articular uma política intermediária entre ambas as linhas.

Apesar de ser um grupo instável<sup>13</sup> em relação a interpretação do peronismo, o movimento organizou uma interpretação bastante contundente a respeito do governo Perón. Em 1948, já sob a consigna de Partido Obrero Revolucionário (POR), foi organizado pelo Comitê central um documento intitulado *Tesis Latino-americana* que abordava desde a natureza dos regimes latino-americanos, passando pela formação histórica das classes sociais, até chegar no regime do governo em andamento e o papel das massas revolucionárias frente ao novo panorama.

Em intenso debate com o grupo de Ramos e Posadas, que defendiam uma aproximação com o peronismo, considerando-o uma revolução burguesa e, portanto, progressista, o POR situava-se numa posição mais crítica em relação às políticas arquitetadas pelo grupo no poder. Uma compreensão melhor do peronismo implicava um reconhecimento no campo da “totalidade”, ou seja, do contexto latino-americano, por isso, ao tratarem de definir o caráter da América Latina, escrevem:

Los países latino-americanos son atrasados y semicoloniales. 1º) Todos los países latino-americanos producen y venden en el mercado mundial unos pocos productos que son materias primas o productos agropecuarios (...) 2º) La producción de máquinas en los cuatro países latino-americanos más importantes carece de importancia (...) 3º) El mercado interno de los países latino-americanos se asienta principalmente sobre la clase agraria, que es la mayoritaria o la determinante (...) 4º) El ingreso de capital extranjero sobre Latino-America ha sido constante de 1913 a 1929, el capital de los Es.Us e Inglaterra invertido en Latino-America aumentó entre esas fechas de 6.225 a 11.476 millones de dólares (TESIS, 1948, p. 2-3).

A causa dessa limitação, especialmente a agrária, era a propriedade privada capitalista que forçava a produção de matérias primas, produtos agropecuários e de consumo. Tal flagelo acarretava diretamente o desenvolvimento das forças produtivas. Os *terratenientes*, possuidores da renda agrária, foram considerados inimigos do “[...] progreso técnico de la agricultura que no los beneficia a nada” (TESIS, 1948, p. 3). Se no campo a situação era desastrosa para o camponês, a indústria não estava muito atrás no trato com o proletariado. Aqui a leitura do desenvolvimento desigual e combinado aparece na ótica do POR:

---

<sup>13</sup> As sucessivas denominações do grupo liderado por Moreno confirmam essa ideia: Grupo Obrero Marxista (1944-1949); Partido Obrero Revolucionário (1949-1953); Federación Bonarense del Partido Socialista de la Revolución Nacional (1953-1956); Movimiento de Agrupaciones Obreras (1956); Palabra Obrera (1957-1964); Partido Revolucionário de los Trabajadores (1964-1972); Partido Socialista de los Trabajadores (1972-1982) e Movimiento al Socialismo (desde 1982 até sua morte em 1987). Após a morte de Moreno o Movimiento al Socialismo fragmentou-se em várias correntes.

El desarrollo de la producción industrial latino-americana su lentitud, su limitación, es la prueba más evidente de la incapacidad del régimen capitalista de elevar en forma importante el nivel de producción de los países atrasados de acuerdo a las necesidades de la vida moderna (TESIS, 1948, p. 4).

Sem uma indústria de peso o mercado interno necessitava deveras do mercado mundial. A Crise de 1929 contribuiu para que pequenas empresas surgissem, o que aqueceu o mercado interno. Lendo atentamente o que Trotsky havia produzindo, o POR considerava que foi o capital financeiro estrangeiro que possibilitou a ampliação dessas pequenas empresas. A Argentina, num contexto mundial estava numa posição chave aos interesses do imperialismo, fato comprovado em 1929, quando quase a metade dos investimentos estavam concentrados na Argentina. Tal capital confirmava a penetração imperialista no país.

O domínio estadunidense no período pós-guerra se deu num momento em que o projeto do imperialismo era o de utilizar a América Latina como produtora de matérias primas. Como se posicionava o governo e as demais classes frente ao avanço desenfreado desse expansionismo estrangeiro? Apesar de o governo ser “servil” na relação com o capital estrangeiro, o POR considerava que alguns setores das classes exploradoras, em especial frações dos *terratenientes y industriales* tinham inconvenientes com esse imperialismo, desde décadas. Esses inconvenientes faziam o país tender hora para o capital europeu, hora para o capital estadunidense, algo que poderia beneficiar o movimento dos trabalhadores.

E por falar em movimento do proletariado e das “massas”, o POR, nesse mesmo documento, polemizou com o movimento Octubrista (liderado por Ramos) o Geceista (liderado por Posadas) e o próprio PCA acerca do contexto histórico latino-americano, das opções do movimento dos trabalhadores e dos projetos em pauta. Ao destacar que o período pós-guerra havia provocado um violento crescimento do movimento revolucionário nos países latinos, produto das crises mundiais do capitalismo, da situação crítica da classe trabalhadora e também a falta de um triunfo do proletariado europeu que teria provocado uma crise revolucionária nos principais países latino-americanos, o POR criticava as versões de Ramos e Posadas que creditavam a essa crise um caráter mundial.

Para o POR o período pós-guerra trouxe consigo um *reacomodamiento* na Argentina, fruto do crescimento industrial e das políticas assistencialistas de Perón. O proletariado nesse contexto deveria aproveitar esse momento chave para buscar melhorias econômicas que superassem o impacto da inflação. Tal processo seria fundamental para o proletariado adquirir experiência. É nesse ponto que o próprio partido reconhece seu papel *externo* em relação as “massas”: “[...] las condiciones son inmejorables para nuestro trabajo

de penetración dentro del proletariado, siempre que seamos consecuentes y no desanimemos” (TESIS, 1948, p. 09).

O proletariado urbano era considerado a única classe capaz de lutar até o fim contra o imperialismo, a burguesia nacional e os latifundiários. Além de conhecer de perto a exploração combinada do imperialismo e da burguesia, tal classe conhecia, devido ao processo de industrialização à técnica e a disciplina, fatores fundamentais para o processo revolucionário. Apesar do lugar central do proletariado, onde estaria o partido? Em críticas realizadas a II<sup>a</sup> e III<sup>a</sup> Internacional, escreve o POR:

El reciente surgimiento del proletariado, las fallas y degeneraciones de la II y III Internacional, la debilidad de la primera, el caracter semi-artesanal de muchos obreros, la lucha de la pequeña burguesia y burguesia por libertades democráticas, todo esto ha tenido como consecuencia la no existencia hasta el presente momento en Latino-América de partidos obreros revolucionarios. El movimiento obrero en America Latina adquirió a principios del siglo una forma anarquista y sindicalista. Es decir, una forma individual y economica (TESIS, 1948, p. 16).

A orientação que o POR direcionava aos seus quadros baseava-se claramente em Trotsky. Para o partido, o militante russo, havia assinalado com clarividência ao mínimo duas tarefas aos povos latino-americanos: a revolução agrária e a libertação nacional do imperialismo. Para o sucesso em tais tarefas seria fundamental que o movimento organizado nas cidades estivesse em consonância com o campo, ou seja, os camponeses deveriam fazer parte das pautas revolucionárias.

Em relação a burguesia e pequena burguesia, o papel dos grupos trotskistas era a denúncia da burguesia nacional como agente do imperialismo pela sua política reformista e antipopular. O partido tinha obrigação de participar em primeira fila dos movimentos populares anti-imperialistas ou democráticos, mas ao mesmo tempo separar as bandeiras e esclarecer os objetivos específicos. Deixando de lado qualquer alternativa por viés burguês, apenas a ditadura do proletariado, no cumprimento da revolução agrária e com o apoio do campesinato, na luta constante com o imperialismo, poderia ampliar o desenvolvimento das forças produtivas e desenvolver as tarefas socialistas. O objetivo final? A formação dos Estados Unidos Socialistas Soviéticos da América Latina.

Num informe político sobre o movimento trotskista argentino, datado de 20 de agosto de 1950 o POR reforçou muitas de suas posições, ao mesmo tempo em que criticou alguns grupos que se autodenominavam trotskistas, em especial quando o assunto era revolução permanente e as transformações políticas:

Una de las leys principales de la teoria de la revolución permanente es justamente la unidad concreta de medidas demo-burguesas y socialistas a cumplir por la

dictadura proletária y la revolución socialista. Este es el error de Quebracho y la LOR (...) pues al criticar las tendencias ultraizquierdistas y sectárias de estos últimos que negaban la lucha por la liberación nacional, caían en el grave error de separar etapas y de fijarse límites infraqueables al movimiento obrero (INFORME, 1950, p. 03).

A LOR, por meio de Libório Justo que escrevia sob o pseudônimo de Quebracho, acreditava piamente que as tarefas socialistas só poderiam ser levadas a cabo num país onde as bases fossem burguesas, ou seja, a libertação nacional não seria uma tarefa política, mas puramente econômica. Mais precisamente a libertação da opressão econômica do imperialismo. A Argentina não figurava nessa lista.

No mesmo documento editado em 1950, o POR defendia a ideia de que o grande fortalecimento da burguesia nacional durante os anos de guerra e a carência de um partido político que refletisse os seus interesses, teve como consequência que o Exército acabou por representar, no plano político, a essa classe. Assim,

El imperialismo és casi desalojado totalmente por la burguesia industrial, que para defenderse de los ataques de este resuelve adoptar dos medidas: llamar en sua auxilio la classe obrera, e invertir dinero en otros países atrasados sudamericanos (INFORME, 1950, p. 14).

Qual a relação que o POR fez do imperialismo com o governo Perón? Ao tratarmos do governo populista, escrevem: “[...] el gobierno de Perón es un régimen bonapartista clásico: apoyado en la classe obrera, Perón hace la política de todos los sectores de los explotadores y en especial la de su sector mas fuerte: el imperialismo inglés” (INFORME, 1950, p. 20). O golpe de 4 de junho e a relação de Perón com o movimento dos trabalhadores também foi estudada pelo partido de Moreno. Segundo eles o golpe encontrou o movimento em plena retirada e por consequência, Perón terminara de acabar com ele:

Aplastada e conquistada la vieja burocracia, empleando indistintamente la represión y la adulción, el gobierno se dio a la tarea de conquistar el grueso del proletariado. Varias circunstancias lo favorecieron: la llegada de fuertes contingentes del interior del país, sin tradicion ni clara conciencia de su rol ni el de sus explotadores; el desprestigio de los viejos partidos políticos: stalinistas y socialistas, desprestigio ganado a fuerza de traiciones; la inexistencia de un partido revolucionário u las formidables ganancias que le proporcionaba la venta de los productos agropecuários a una Europa destrozada por la Guerra. Estos factores habilmente explotados y combinados por Perón, desde su Secretaria de Trabajo y Previsión permitieron organizar al movimiento obrero desde arriba, con los metodos de la burguesia y para satisfacer los intereses de esta (INFORME, 1950, p. 20).

A organização e controle exercidos por Perón no movimento dos trabalhadores cumpria um duplo fim: de um lado utilizar essa força política, o proletariado, para o exercício do bonapartismo: independência frente à presença de diversos setores da burguesia

nacional, apesar da dependência representativa direta a tal classe; e por outro lado criar as condições de submissão, para um futuro de todo o movimento debaixo da tutela burguesa.

O proletariado foi usado para fazer entrar pelas veredas os setores reacionários que passaram a dominar e adestrar o movimento dos trabalhadores por meio da CGT. Os trabalhadores revoltosos foram abruptamente reprimidos pelo aparelho de repressão considerado legal. E por falar em CGT, o partido trata de posicionar essa força sindical contra o proletariado. Seria possível reformar tal Confederação? “No! Los burocratas no sienten ni responden a la presión obrera- reciben y transmiten ordenes desde arriba (...) nada de contemplaciones! A proceder duramente!” (INFORME, 1950, p. 21). O “proceder duramente” proposto não passaria de um destroçar dos burocratas da CGT e da força material que a compunha:

Es evidente que el apoyo de Perón al proletariado ha disminuido visiblemente – la causa se ve claramente – terminado los superbeneficios de la guerra, que le permitian hacer una demagogia entre el proletariado, Perón se ve obligado a quitarse la careta ya a mostrarse tal cual es: vocero de los explotadores. En este carácter es que encabeza la ofensiva contra el nivel de vida de la clase trabajadora, aumentando la explotación y reduciendo el salario real. El proletariado sin tener cabal conciencia de esta situación, reacciona contra la cabeza visible de su empeoramiento: la burocracia cegetista que cumple las instrucciones emanadas de Trabajo y Previsión. No mas huelgas; aumento de la producción; congelación de salarios, etc. (INFORME, 1950, p. 21).

A saída apresentada pelo POR remetia a formação urgente de frentes sindicais de oposição contra a burocracia. A reunião de tais frentes numa única, a Central Obrera Independente seria o objetivo final. O método que o partido deveria tomar era a revolução agrária em caráter emergencial e a libertação nacional em relação ao imperialismo, ambas tarefas sob hegemonia do proletariado.

No mesmo documento, o POR critica o Grupo Cuarta Internacional, liderado por J. Posadas. O Grupo defendia que o amadurecimento e crescimento de uma nova “oligarquia” (particularmente ligada a indústria), especialmente a partir de 1943 ocasionava, no plano nacional, uma profunda contradição: a orientação do Estado não se correlacionava com o processo de transformação econômica em andamento no país, ou seja, o governo Castillo não dava mais conta de segurar as pressões da “oligarquia” industrial. Assim: “[...] el golpe del 4 de junio que colocó al Estado al servicio de las nuevas fuerzas económicas, dio resolución a la concentración apuntada y apuro la crisis y litigio con el imperialismo” (BOLETIM, 1950, p. 14).

## Considerações finais

Por fim, resta-nos analisar como este grupo se posicionava frente ao peronismo. O peronismo, nas palavras do Grupo Cuarta se resumia como expressão da burguesia industrial. Essa burguesia tinha necessidade de dominar o Estado para desde essa posição fazer uma política de acordo com seus interesses. Como faltava um partido político forte e coerente para que, por via eleitoral, vencesse o pleito, o Exército substituiu o partido e fez-se representante dos interesses dessa classe. Ao que recebe a crítica do POR:

El ejercito no es una institución que se pone y se saca, del escenario político como un comodín. El ejercito no es una abstracción, refleja la sociedad en la cual vive con todas sus contradicciones. Un movimiento efectuado por militares de alta graduación puede ser un movimiento anti-imperialista, siendo semicolonial el país? Es ridículo suponer que el ejercito como tal y a una vez elevado al poder, en un país atrasado, puede transformarlo a partir de sus altos cuerpos oficiales en la avanzada de la lucha contra el imperialismo, en el partido político de la burguesía nacionalista sin representar o reflejar en sus filas el peso del imperialismo (BOLETIM, 1950, p. 15).

Dessa forma o peronismo se configura, para o Partido Obrero Revolucionário, não

(...) como un movimiento provocado por el ejercito, sino un movimiento popular anti-imperialista, que en su primer fase es encabezado por la burguesía nacional para hacer su especulación con el imperialismo, al grupo IV parece indicar esto en algunas oportunidades, entonces la independiencia y la lucha contra el imperialismo y su desalojo no corresponde a la industrialización, sino a un movimiento popular (BOLETIM, 1950, p. 15).

No Boletim número 2, o Grupo Cuarta Internacional defende:

Estamos perfectamente de acuerdo con los que afirman que una burguesía nacional impotente historicamente, para liberar-se de la coyuntura imperialista (...) el hecho de su impotencia histórica - que el proceso ulterior de los acontecimientos ira a descubrir - no autoriza a afirmar de ninguna manera que una burguesía no intente y promueva esa liberación, porque ello sería negar la existencia de los movimientos nacionalistas en las colonias y semicolonias (BOLETIM, 1950, p. 15).

Ao designar a burguesia nacional como uma força capaz de promover e intentar a “liberación nacional” forçou o POR a acusá-los de revisionistas: “[...] nosotros acusamos de revisionistas la posición del grupo IV, que la burguesía nacional cumplió la primera fase de la revolución democrático burguesa y nos libero ya del imperialismo” (INFORME, 1950, p. 16).

Concluimos assim que as esquerdas argentinas atuais, especialmente comunistas e trotskistas muito devem aos debates das décadas de 1940-1960. Num contexto de fortalecimento de práticas liberais levadas a cabo pelo governo de Maurício Macri, olhar com atenção para debates do passado recente significa criar novas perspectivas de mudanças

sociais e políticas. A “*nueva izquierda*” da década de 1970 que reuniu em seu bojo intelectuais de renome em muito devem aos debates das décadas anteriores que, mesmo limitados pelas questões de método e ciência conseguiram articular noções, conceitos e categorias na difícil análise do peronismo.

---

#### UN CAMPO EN DISPUTA: COMUNISTAS Y TROTSKISTAS EN LA RECONFIGURACIÓN DE LAS IZQUIERDAS ARGENTINAS (1943-1960)

**Resúmen:** el campo de las izquierdas en Argentina en las décadas de 1940 y 1950 sufrió importantes transformaciones. Comunistas, nacionalistas, trotskistas, revolucionarios heterodoxos y los demás representantes de la izquierda argentina se obligaron a rever sus posiciones delante de los nuevos procesos históricos y políticos que colocaban en jaque antiguos conceptos y lecturas de coyuntura. El peronismo a nivel nacional y el populismo a nivel continental como también el nuevo contexto del capitalismo obligaron a intelectuales de diferentes campos políticos a repensar su proyecto de nación como también su propia identidad política. Por eso, el presente texto procura contextualizar las disputas teóricas entre diversos partidos que se proclamaban de izquierda apuntando re lecturas realizadas delante de los nuevos procesos históricos en gestación.

**Palabras claves:** Argentina. Peronismo. Izquierdas.

---

#### Referências

##### Fontes

BOLETIM do Grupo Cuarta Internacional. Nº 2. In: Informe político sobre el movimiento trotskista argentino. 26 páginas, 1950.

INFORME político sobre el movimiento trotskista argentino. 26 páginas. 1950.

CULTURA POLÍTICA, Revista Mensal de Cultura Política, nº 64, dezembro 1954 a fevereiro de 1955.

TESIS latino-americana. Estudiada por el Partido Obrero Revolucionário. Ediciones sociales. 21 páginas. 1948.

##### Bibliografia

BEIRED, José L. B. Movimento operário argentino: das origens ao peronismo. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. Breve História da Argentina. São Paulo: Ática, 1996.



CALIL, Gilberto. O Populismo e Hegemonia Burguesa na América Latina. História & Luta de Classes. Ano 3, nº 4, p.27-33, julho de 2007.

CODOVILLA, Vittorio. Batir al nazi-peronismo para abrir una era de libertad y progreso. Ed. Anteo, Buenos Aires, 1946.

COGGIOLA. O Trotskismo na América Latina. 1ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1984. Coleção Primeiros Passos.

DI TELLA, Torcuato S. História social da Argentina contemporânea. Brasília: FUNAG, 2010.

GALLO, Antonio. Adonde va la Argentina? Frente popular o lucha por el socialismo? Rosário, Ediciones JC Mariátegui, 1935, p. 50-51.

GHIOLDI, Rodolfo; FRONDIZI, Silvio; PUIGGRÓS, Rodolfo. La línea sinuosa. Miradas sobre el peronismo entre la caída y el retorno, Dossier: Cien años de lucha socialista. Razón y Revolución. Nº. 3, invierno de 1997, p.1-15.

HOBBSAWM, Eric. J. Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840-2011. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

JUSTO, Libório. Estrategia Revolucionaria. Lucha por la unidad y por la liberación de América Latina, Buenos Aires, Frágua, 1957.

KAPLAN, Marcos. Cinquenta anos de história argentina (1925-1975): o labirinto da frustração. In: GONZALES CASANOVA, Pablo. América Latina: história do meio século. 1ª Edição. Brasília: Editora da Unb, 1986.

KRASSÓ, Nicholas; MANDEL, Ernest; JOHNSTONE, Monty. El marxismo de Trotsky. Córdoba: Pasado y Presente, 1970.

LÖWY, Michael (org.). O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais. 2ª Ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

LUNA, Félix. Argentina: de Perón a Lanusse (1943-1973). 1ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. Coleção Documentos da história contemporânea.

MURMIS, M; PONTATIERO, J.C. Estudos sobre as origens do peronismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1973.

NEIBURG, Federico. Os intelectuais e a invenção do peronismo. 1ª Edição. São Paulo: Edusp, 1997.

PRADO, Maria Lígia. O populismo na América Latina. 3ª Ed. São Paulo, Brasiliense, 1984.

RIBEIRO, Marcos Vinícius. De Perón a Videla: revisão histórica e historiográfica do Terrorismo de Estado na Argentina (1973-1978). 235 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2009.

ROJAS, A. Gonzalo. Os socialistas na Argentina (1880-1980): um século de ação política. 476 f. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ROMERO, Luis Alberto. História contemporânea da Argentina. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.

TARCUS, Horácio. El Marxismo olvidado en Argentina: Silvio Frondizi y Milcíades Peña. 1ª Ed. Buenos Aires: El Cielo por asalto, 1996. Colección La Cultura Argentina.

\_\_\_\_\_. Dicionário biográfico de la izquierda argentina: de los anarquistas a la “nueva izquierda” (1870-1976). Buenos Aires, Emecé, 2007, p. 136-139.

TROTSKY, León. Programa de transição. São Paulo: Instituto José Luis Rosa, 2004.

---

#### SOBRE O AUTOR

**Jeú Daich de Castilho** é mestre em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE); docente da Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus, Sesc São José e da rede pública e privada de ensino na cidade de Curitiba (PR).

---

Recebido em 29/05/2016

Aceito em 09/06/2016